



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 2 de dezembro de 2023

| Bolsas         |           | Pontuação B3              |            |       |      | Dólar          |       | Salário mínimo | Euro                            | CDI    | CDB                        | Inflação            |
|----------------|-----------|---------------------------|------------|-------|------|----------------|-------|----------------|---------------------------------|--------|----------------------------|---------------------|
| Na sexta-feira |           | Ibovespa nos últimos dias |            |       |      | Na sexta-feira |       | Últimos        | Comercial, venda na sexta-feira | Ao ano | Prefixado 30 dias (ao ano) | IPCA do IBGE (em %) |
| 0,67%          | 0,82%     | 125.517                   | 128.184,91 |       |      | R\$ 4,880      | 4,899 | R\$ 1.320      | R\$ 5,3060                      | 12,15% | 11,89%                     | Julho/2023 0,12     |
| São Paulo      | Nova York | 28/11                     | 29/11      | 30/11 | 1/12 | (- 0,07%)      | 4,872 |                |                                 |        |                            | Agosto/2023 0,23    |
|                |           |                           |            |       |      |                | 4,887 |                |                                 |        |                            | Setembro/2023 0,26  |
|                |           |                           |            |       |      |                | 4,915 |                |                                 |        |                            | Outubro/2023 0,24   |
|                |           |                           |            |       |      |                |       |                |                                 |        |                            | Novembro/2023 0,33  |

## COP28

# “Plano verde” custará US\$ 1 tri, diz Haddad

Brasil precisa de US\$ 130 bilhões a US\$ 160 bilhões por ano na próxima década para custear transformação ecológica

» RAFAELA GONÇALVES

Brasil precisa de investimentos adicionais na ordem de US\$ 130 a US\$ 160 bilhões por ano na próxima década para o seu Plano de Transformação Ecológica. Os números foram apresentados pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023, a COP28, que acontece em Dubai. O valor total do investimento é de cerca de US\$ 1,3 trilhão em 10 anos.

Na ocasião, enquanto tentava vender ao mundo as iniciativas brasileiras para a transição para uma economia de baixo carbono, Haddad fez uma cobrança aos países ricos para que eles se unam para a transformação ecológica. “Precisamos unir esforços para a transformação ecológica, de modo a evitar medidas protecionistas e a fragmentação geopolítica. Precisamos de uma transição global para o desenvolvimento sustentável. A prosperidade de uns poucos diante da miséria e da devastação ambiental de muitos se torna cada vez mais insustentável em um mundo em emergência climática.”

O plano, visto como a grande marca do terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é uma espécie de pacote verde com o objetivo de impulsionar o crescimento econômico do país por meio de medidas de desenvolvimento sustentável no contexto das mudanças climáticas.

### Cartão de visita

Haddad explicou que os recursos externos seriam aplicados em investimentos na adaptação de infraestrutura, energia, indústria e mobilidade. “A boa notícia é que temos um histórico de capacidade de mobilização de investimentos e de criação de infraestruturas sustentáveis. Se hoje somos um gigante das energias renováveis é graças a investimentos públicos”, lembrou.

Com a proposta, o país almeja se tornar um dos líderes globais no combate ao aquecimento global. Segundo o chefe da equipe econômica, a iniciativa

deve interromper o histórico extrativista para “posicionar o Brasil na vanguarda do desenvolvimento sustentável”.

O ministro mencionou, ainda, os Projetos de Lei sobre hidrogênio verde e a geração de energia eólica offshore, aprovados recentemente pelo Congresso Nacional, como setores cruciais para a transição energética que detém enorme potencial para o país. As pautas foram aprovadas às pressas pelo parlamento nesta semana, para integrarem o cartão de visita de boas práticas apresentado pelo governo na conferência.

Como exemplos de medidas em processo de implementação, ele também citou a criação de um mercado de carbono regulado, a emissão de títulos soberanos sustentáveis, a definição de uma taxonomia nacional focada na sustentabilidade e a revisão do Fundo Clima. A mensagem central, de acordo com Haddad, é que “a reformulação dos fluxos financeiros globais passa pela afirmação do Sul como centro da economia verde”.

### Plataforma

Junto com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a Fazenda anunciou ontem a criação de uma plataforma de soluções financeiras para reduzir o risco cambial para investimentos alinhados aos princípios socioambientais e de adaptação e mitigação de mudança do clima. A ferramenta tem como finalidade atrair investimento verde, dentro do Plano de Transformação Ecológica.

De acordo com a pasta, em um primeiro momento, a plataforma tem o potencial de mobilizar coberturas de até US\$ 3,4 bilhões, cifra que poderá crescer ao longo do tempo. “Esse instrumento visa minimizar os impactos de movimentos inesperados na taxa de câmbio, desencadeados por eventos econômicos extremos, os quais poderiam ter influência negativa na decisão de investir em países como o Brasil”, explicou Haddad, que afirmou que a solução deve estar disponível no mercado já em 2024.

Fernando Donasci/MF



Ministro da Fazenda afirmou, em Dubai, que o Brasil almeja se tornar um dos líderes globais no combate ao aquecimento global



**Precisamos de uma transição global para o desenvolvimento sustentável. A prosperidade de uns poucos diante da miséria e da devastação ambiental de muitos se torna cada vez mais insustentável em um mundo em emergência climática.”**

**Fernando Haddad, ministro da Fazenda**

## Pacheco: país será potência global

» ANDREA MALCHER

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que compõe a comitiva brasileira na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023, a COP28, destacou ontem que o país deve se tornar “uma potência global em economia verde e transição energética”.

“O mais importante é a presença do Brasil nesta conferência do clima para discutir os aspectos ambientais, a contenção do aquecimento global e a transição energética. A presença múltipla do Brasil — de vários segmentos e, em especial, do governo — é algo que devemos comemorar e celebrar.”

O parlamentar ressaltou que o Executivo e o Legislativo estão

“unidos no propósito da preservação ambiental”. “É um palco de muitas ideias e iniciativas. É muito bom que, a partir disso, a gente consiga implementar nossa política, para o Brasil sair na frente e se constituir como uma potência global de economia verde, transição energética e evolução sustentável.”

Pacheco e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniram com o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, com quem o presidente do Senado se comprometeu em compartilhar o marco de regulação da inteligência artificial (PL 2.338/2023), atualmente em discussão em uma comissão especial da Casa. Além disso, o trio abordou a presidência

brasileira do G20, grupo das maiores economias do mundo, e a candidatura de Belém (PA) para sediar a COP30, em 2026.

A decisão da cúpula do clima de repassar US\$ 420 milhões para países afetados pelas mudanças climáticas derivadas do aquecimento global, batizada de Fundo de Perdas e Danos, foi elogiada por Pacheco, mas ele ponderou que os países desenvolvidos que mais poluem e que devastaram suas florestas devem compensar países que ainda possuem biomassa. “Essa compensação já foi materializada em diversos acordos ao longo do tempo e é bom que ela comece a ser cumprida porque estamos no mesmo planeta, é muito importante que haja convergência de todos.”

Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Campos Neto considera “apropriado” corte de 0,5 ponto percentual

## Selic: ritmo de redução deve ser mantido

» EDLA LULA

O presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, sinalizou ontem que o Comitê de Política Monetária (Copom) tende a manter o ritmo de redução da taxa básica de juros, a Selic — que hoje é de 12,25% ao ano — em sua próxima reunião. Ao falar no tradicional Almoço Anual de Dirigentes de Bancos, promovido pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), ele comentou que a instituição considera que o ritmo de redução da Selic em 0,5 ponto percentual é “apropriado”.

“Com as variáveis que a gente tem na mão hoje, a gente considera que o ritmo de 0,5 (ponto percentual) é apropriado e a gente

pretende continuar com esse ritmo nas próximas reuniões”, comentou, lembrando que a próxima reunião do comitê, composto pelos diretores do BC, será em 10 dias. Campos Neto preferiu não fazer previsões quanto à taxa terminal do ciclo de reduções, “mas hoje ela seria restritiva”. Por isso, ele considera que o ritmo de cortes seguirá nesse patamar, de 50 pontos-base.

Sobre o juro real (considerando o impacto da inflação), que permanece elevado no Brasil, Campos Neto afirmou que é preciso olhar a estrutura da curva de juros, e não apenas a ponta. “Não é verdade

que a taxa real seja constante, ela tem caído, dependendo do ponto da curva que se olha”. Ele citou ainda que é necessário ver o diferencial de juros do Brasil para outros países. “O diferencial com os Estados Unidos, tanto nominal quanto real, caiu bastante”.

Ao fazer o balanço da economia neste ano, o presidente do BC avaliou que, no início do ano, as expectativas pareciam mais pessimistas, mas houve uma sincronia da credibilidade fiscal e monetária, o que gerou melhores resultados.

“No Brasil, a agricultura foi bem mais forte. O governo fez arcabouço

fiscal, o que gerou credibilidade, a inflação convergiu à frente, houve uma sincronia de credibilidade fiscal e monetária que gerou melhores resultados”, disse.

Campos Neto também apontou outras “muitas melhorias”, como o tempo de abertura e fechamento de empresas. “Esperava-se que o crédito iria colapsar. Tivemos problemas no mercado de capitais, mas o crédito no Brasil navegou melhor do que em outros países, a agenda microeconômica ajudou a figura macro”.

E citou que houve uma perspectiva de crescimento estrutural maior no Brasil, ou seja, o país vai crescer mais, com menor inflação. “Vejo vários trabalhos nesse sentido de que o crescimento estrutural está um pouco melhor”, comentou.